

mais vasto do que aquele que se propõe — o papel do direito, as relações entre o direito e a sociedade em que se insere.

Para quando uma Associação Crítica do Direito em Portugal?

Fernando Ruivo

Maria Manuel Leitão Marques

A FORMAÇÃO DE PORTUGAL CONTEMPORÂNEO

Promovido pelo Gabinete de Investigações Sociais (GIS) decorreu nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, entre os dias 2 e 5 do passado mês de Dezembro, o Colóquio «A Formação de Portugal Contemporâneo (1900-1980)».

O facto é de assinalar, antes de mais, como sintoma de como as ciências sociais vão ocupando o seu lugar próprio na comunidade científica portuguesa. Efectivamente, mercê do ostracismo a que estiveram votadas, que se diria total não fora uma ou outra iniciativa, as ciências sociais só agora começam a revelar uma vitalidade e uma capacidade prenunciadoras de que pouco a pouco a realidade sociológica nacional se vai confiando ao conhecimento. Na sequência de outras manifestações (os colóquios sobre «O Século XIX em Portugal» e o «Movimento Operário Português» do GIS, sobre «O Fascismo em Portugal», da FLUCL e sobre «A Pequena Agricultura em Portugal» da FEUC), surge agora este encontro sobre a formação do Portugal contemporâneo, afirmando-se como mais um marco importante para o processo de desenvolvimento e consolidação das ciências sociais em Portugal.

Realização cultural e científica da maior relevância, mobilizando mais de duas centenas de participantes, o colóquio organizou os seus trabalhos em 10 secções: Forças Sociais e Ideologias; Estruturas e Políticas Económicas; Estado e as Estruturas Jurídico-Políticas; Igreja e Forças Armadas; Questões Rurais e Camponesas; Questões Urbanas; Escola e Movimentos Estudantis; Emigração; Cultura e Vida Quotidiana e Colónias e Descolonização. Está patente, neste vasto leque de temáticas, pelas quais se distribuíram as cerca de 80 comunicações apresentadas, a preocupação dos organizadores em contribuir com este encontro para uma compreensão globalizante da realidade portuguesa. Com este objectivo se reuniram durante quatro dias cientistas sociais e investigadores, nacionais na sua grande maioria, oriundos das mais variadas áreas disciplinares.

Não tendo as comunicações sido distribuídas, torna-se difícil avaliar de imediato em toda a sua extensão o contributo deste colóquio. Alguns aspectos gostaríamos, contudo, de realçar desde já. Pareceu-nos significativa, enquanto consequência das assimetrias que presidiram ao desenvolvimento das ciências sociais em Portugal, a desigual distribuição de comunicações pelas diferentes secções: quase metade das comunicações concentrou-se nas três primeiras; nas restantes secções, com excepção da dedicada às questões rurais e camponesas, o número de comunicações foi bastante mais reduzido. A justificação para esta distribuição parece residir no facto de existir já em Portugal uma rica tradição no tratamento destas questões, que conheceram condições mais favoráveis à análise e investigação do que outras hoje ainda mais «pobres». Importa realmente que cada vez mais essas condições vão sendo criadas no sentido de um avanço equilibrado das ciências sociais. Estímulo importante para este avanço é, certamente, a institucionalização do GIS, anunciada aquando da realização deste encontro.

A salientar também o escasso número de trabalhos sobre o Portugal post-25 de Abril e o facto de a questão do colonialismo não ter merecido a atenção que lhe é devida, já que, na nossa opinião, a compreensão do que foi o colonialismo português é fundamental para o entendimento da nossa formação social e que a história colonial transporta mistificações de factos cruciais.

Positiva foi a preocupação revelada pela maioria dos investigadores presentes de se orientarem para o tratamento empírico da realidade, procurando nomeadamente a adaptação das categorias analíticas, geralmente produzidas em sociedades bastante distintas, às nossas especificidades, pese embora o facto de, aqui e ali, esse tratamento não surgir enquadrado por marcos teóricos explícitos.

Há que aguardar a publicação das comunicações na revista *Análise Social*, para que o efeito multiplicador, em termos do conhecimento da nossa realidade social, possa efectivamente gerar-se e produzir resultados palpáveis.

Nunca é demais salientar a utilidade de encontros como este, que nos vão fornecendo uma ideia dos esforços de investigação que se vão desenvolvendo no âmbito das ciências sociais, e que, além do mais, constituem um lugar privilegiado para a troca directa de experiências. A terminar, não queríamos deixar de referir como este colóquio nos pareceu prenun-

ciador da maturidade que a ciência social vai atingindo, dada a constantemente referida necessidade de incentivar estudos interdisciplinares que conduzam a uma reflexão global e articulada da realidade portuguesa.

Virgínia Ferreira

III ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS ANGLO-AMERICANOS

Decorreu no Porto, de 26 a 28 de Fevereiro, o III Encontro da APEAA, subordinado ao tema: «Ficção Narrativa: Discurso Crítico e Discurso Literário», reunindo cerca de cinquenta participantes de todas as Faculdades de Letras do País.

O Presidente da Associação de Anglistas da R.F.A., Prof. Willi Erzgräber, proferiu a conferência inaugural, «The Moment of Vision in the Modern English Novel». A ele se foram seguindo outros participantes, representando as três universidades clássicas, Lisboa, Porto e Coimbra, com trabalhos que se estenderam por várias áreas de interesse, do romance inglês ao americano, da «short story» à «anti-story», da ficção científica à não-ficção, da autobiografia à «ficção crítica».

Considerando as virtualidades do tema geral do encontro, não posso deixar de destacar aqueles que, de forma mais estimulante o analisaram e questionaram, falando: dos propósitos ideológicos da subversão da forma («*Shamela* e o Discurso da Paródia», João Duarte, FLUL), do trajecto autofágico da linguagem de ficção («*Samuel Beckett e John Barth: Percursos da Linguagem em Dois Contos*», Helena Serôdio, Leonor Telles, FLUL), do espaço como metáfora do determinismo cultural e ideológico na escrita de mulheres («*Mulheres, Lugares e Caminhos: O espaço no universo simbólico da escrita de mulheres*», Graça Abranches, FLUC), do conflito assumido, mas não resolvido entre história/ficção, verdade/mentira na escrita autobiográfica («*A Autobiografia e o Seu Ensino*», Martin Kayman, Isabel Pedro, FLUC), e da questionação dos bordos e das margens, abalando saudavelmente conceitos e visões instituídos de ficção/não-ficção («*Non-Fiction Prose: George Orwell*», Jacinta Matos, Steve Wilson, FLUC), culminando com a própria interrogação sobre a natureza e o destino da literatura, quando a ficção invade a crítica e a crítica a ficção, misturando-se e confundindo-se e obrigando a um repensar de todo o fenómeno («*Da Crítica à Ficção:*